

RELATÓRIO ANUAL 2023





PREÂMBULO

A edição do Relatório Anual do Arapyáú 2023 está um pouco diferente. Desta vez, optamos por inundar este projeto de algo mais artesanal e artístico. Em parceria com o Estúdio Arado, nos lançamos em uma linda jornada para trazer um pouco da identidade cultural que faz os territórios em que atuamos - Amazônia e sul da Bahia - tão singulares. Com uma narrativa visual carregada de simbologia, aproximamos também pelo imagético esses dois biomas. E por meio do texto produzido pela Pecan, nossa parceira de comunicação, optamos por não seguir um caminho de conteúdo relatorial. Preferimos narrar uma história: a nossa história em 2023.

Sabrina Fernandes
Gerente de Comunicação do Instituto Arapyáú

SUMÁRIO



12

Nossa história em 2023

04

Mensagem Conselho

18

Retrato do ano

06

Mensagem
da diretora-geral

19

Balanco Financeiro

09

15 anos e um legado
para o Brasil

21

Expediente



Roberto Waack
Presidente do Conselho Arapyauí

MENSAGEM DO CONSELHO

O PAPEL DA FILANTROPIA NA NOVA ORDEM MUNDIAL

Roberto Waack
Presidente do Conselho Arapyauí

Qual deve ser o papel da filantropia em um mundo marcado por incertezas de toda ordem, forças políticas difusas e pelo excesso de informações - e, principalmente, desinformações? Se a realidade parecia de difícil leitura, ela pode ficar ainda mais caótica com a emergência da inteligência artificial, que avança em uma velocidade nunca antes vista, prometendo transformar nossas relações e o jeito como solucionamos problemas.

No caso do Arapyaú, que se dedica à agenda de mudanças climáticas, os desafios são ainda mais complexos. Conhecidos como *wicked problems* - ou problemas indomáveis -, não apresentam contornos delimitados e são difíceis de serem formulados, medidos e solucionados. São desafios de magnitude global que requerem esforços de diversos atores em diferentes lugares, exigindo uma atuação conjunta e coordenada, em busca de objetivos comuns.

Para qualquer organização, é tentador não mudar o rumo das coisas em resposta a tantos movimentos dispersos, provocações e estímulos externos. Mas também é inteligente abrir espaço para que as escolhas decantem e amadureçam rumo a uma transformação efetiva.

Nesse sentido, o ano de 2023 não teve grandes disrupções para o Arapyaú. Foi um período de consolidação das estratégias e de reafirmação das nossas vocações. E isso é igualmente relevante.

O Instituto tem demonstrado uma grande vocação ao longo dos últimos anos: criar e fomentar redes, um espaço poderoso de diálogo e de construção coletiva de iniciativas para os desafios mais urgentes do nosso tempo.

Destaco, ainda, a gestão do conhecimento. Nesse mundo digital confuso, está cada vez mais claro nosso trabalho como curador de conhecimentos, fornecendo uma direção objetiva em meio à proliferação de fontes e de desinformação.

Não se trata de produção de conhecimento em si, mas, sim, de qualificar as discussões para a tomada de decisões. É o que temos

feito na área de restauração florestal e, mais recentemente, em ciência, tecnologia e inovação, com o objetivo de pensar propostas e projetos para o desenvolvimento sustentável da Amazônia.

Por último, o ano de 2023 foi decisivo para entendermos que, diante do contexto atual, é crucial sair do modelo de projetos isolados que sempre norteou a filantropia no mundo inteiro para nos dedicar a ações estruturantes e mobilizadas por redes, a fim de promover um impacto sistêmico.

Entender nosso papel nunca foi tão estratégico como agora. Neste sentido, o aporte financeiro continua sendo importante, mas em muitos casos não decisivo. A grande contribuição da filantropia vai se dar principalmente em outro plano - mais qualitativo que quantitativo, mais colaborativo e menos solitário -, por meio de uma articulação intensa com a sociedade e uma maior sinergia entre as próprias instituições filantrópicas.

Ao Arapyaú cabe fomentar uma discussão mais ampla sobre o valor do capital natural (florestas, oceanos e outros ecossistemas), que ainda não aparece nos cálculos de riqueza e bem-estar dos países.

Um país com um capital natural como o Brasil não pode simplesmente dizer que esse capital não vale nada. Se o valor da floresta estivesse incluído na conta do PIB, o Brasil seria uma das principais economias do mundo. E esse é um desafio que a filantropia, com sua inteligência, recursos e capacidade de inovação, pode enfrentar para promover a transformação que o mundo precisa.



Renata Piazzon
Diretora-geral do Instituto Arapyáú

MENSAGEM DA DIRETORA-GERAL

UMA PONTE ENTRE DOIS BIOMAS

Renata Piazzon
Diretora-geral do Instituto Arapyáú

No ano em que completou 15 anos, o Arapyáú atingiu um marco na sua trajetória. O instituto que nasceu em torno de uma roda de conversa na vila de Serra Grande, no sul da Bahia, disposto a enfrentar os desafios sociais e econômicos de um dos territórios mais biodiversos do planeta, passa a ter um olhar mais integrado para dois biomas: Mata Atlântica e Amazônia.

Essa integração é crucial porque aumenta o impacto das iniciativas e coloca a atuação do Arapyaú em outro patamar. A experiência acumulada na Bahia em todos esses anos passa a ser valiosa para o que começamos a fazer na Amazônia e a abordagem de interação com as políticas públicas que já fomentamos nessa região pode catapultar as ações no nosso território de origem.

O exemplo mais concreto dessa conexão é o projeto de crédito sustentável para produtores de cacau que estavam à margem do sistema financeiro. Na primeira fase, esse crédito beneficiou mais de 200 produtores no sul da Bahia e elevou a renda média dos envolvidos em quase 40%, com inadimplência perto de zero. O sucesso nos levou a uma expansão da iniciativa.

Com nossa aprovação no edital de blended finance no BNDES, em 2023 iniciamos as articulações para estender o crédito a cacauicultores do Pará, repetindo a fórmula de recursos financeiros aliados à assistência técnica no campo. A influência contrária também se fez presente, uma vez que, a partir dos aprendizados da nossa atuação na Amazônia, passamos a contribuir com a formulação de políticas públicas para o cacau, entendido por nós como um promissor produto da bioeconomia brasileira, com benefícios concretos para a economia e para o planeta.

2023 foi também um momento de consolidar a estratégia de articulador de redes, nossa maior vocação. A Coalizão Brasil, Clima, Florestas e Agricultura seguiu forte, com posicionamentos e contribuições que fizeram diferença no debate nacional. A iniciativa Uma Concertação pela Amazônia se revelou uma rede influente, capaz de transformar o diálogo entre mais de 700 lideranças em propostas concretas

para o desenvolvimento sustentável do território. Com menos de quatro anos de vida e antes do previsto, a rede caminha para alcançar sua autonomia institucional.

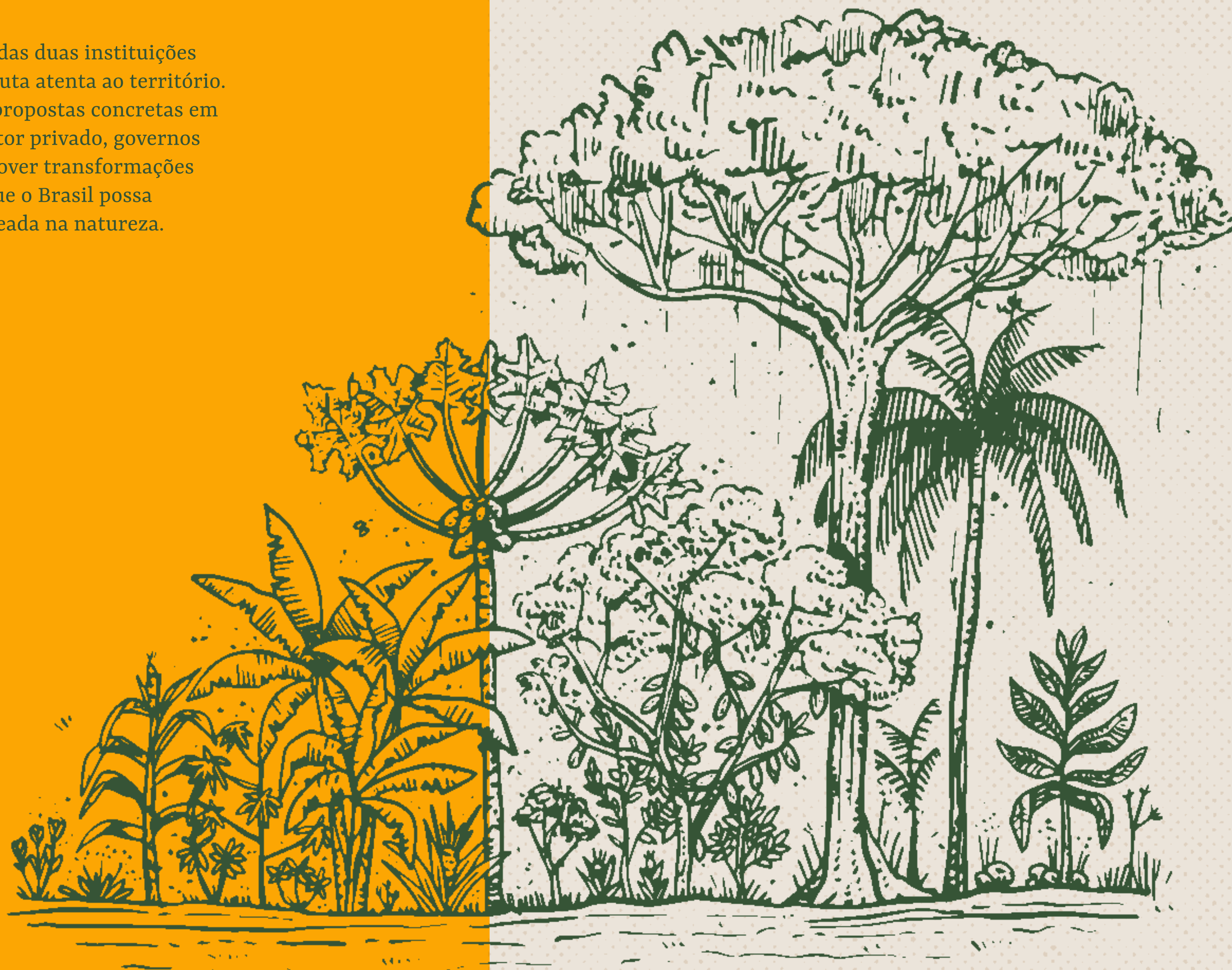
Ganhou corpo, em um ritmo maior que o esperado, nosso apoio a mais uma nova rede: Conexão Povos da Floresta, que já levou internet rápida para mais de 550 comunidades indígenas, quilombolas e extrativistas da Amazônia brasileira. Promover conectividade nesses territórios é parte de um olhar de desenvolvimento justo, inclusivo e de baixo carbono do país. Entendemos, no Arapyaú, que a agenda climática passa por cuidar das pessoas e que esta é uma temática que exige infinitas conexões. Além de incubar institucionalmente o projeto e apoiar financeiramente a rede, o Arapyaú teve papel fundamental na captação de recursos e na estruturação da governança para que o Conexão Povos da Floresta pudesse avançar nesse ritmo.

As redes se revelaram ainda como um espaço poderoso para o surgimento de projetos estruturantes, que atingem uma escala de grandes proporções ao juntar setor privado, governo e filantropia. O mais emblemático deles é o Itinerários Amazônicos, um programa que surgiu no ambiente da Concertação e já está promovendo a Amazônia nas escolas brasileiras de oito estados da região.

O ano trouxe também uma boa surpresa no campo de parcerias entre filantropias, algo que sempre buscamos. Juntos, Arapyaú e Agni embarcaram em uma iniciativa ambiciosa para promover a agenda de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) voltada à bioeconomia de base florestal na Amazônia.

Durante todo o ano, as equipes das duas instituições mergulharam no tema, com escuta atenta ao território. Esse trabalho vai desaguar em propostas concretas em breve, envolvendo academia, setor privado, governos e sociedade civil, a fim de promover transformações profundas e duradouras para que o Brasil possa liderar uma nova economia baseada na natureza.

Boa leitura!



15 ANOS E UM LEGADO PARA O BRASIL

No vasto cenário de uma floresta, cada árvore não é apenas um indivíduo isolado, mas um elo essencial em uma intrincada teia de vida, onde diversas espécies se entrelaçam de forma interdependente. Do mesmo modo, a sociedade apresenta uma estrutura complexa, na qual múltiplos agentes e uma diversidade de biomas se relacionam. Para operar no ecossistema brasileiro, o Instituto Arapyaú age como um fio condutor, promovendo conexões significativas em prol de uma agenda de desenvolvimento justo, inclusivo e de baixo carbono do país.



Consciente de que a mudança não surge de esforços isolados, o instituto desenvolveu ao longo dos últimos 15 anos uma abordagem inovadora para a prática da filantropia. Para além de fornecer apenas aporte financeiro, sua atuação promove conexões entre as organizações da sociedade civil, academia, governos e setor privado. O objetivo é encontrar um ponto de equilíbrio entre uma atuação mais ampla e a agenda local.

No início de sua trajetória, em 2008, o Arapyauí chegou a atuar por meio de projetos mais isolados e pontuais, mas logo ficou claro que era necessário criar redes transformadoras, que são espaços para a troca de conhecimentos, experiências e recursos entre diferentes atores, resultando em mais efetividade na implementação de projetos e iniciativas maiores.

As redes incubadas pelo instituto promoveram mudanças relevantes em suas frentes de atuação, como é o caso da Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (RAPS), da Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura, do MapBiomass, da Agência de

Desenvolvimento Regional Sul da Bahia (ADR) e de Uma Concertação pela Amazônia. Todas elas ainda hoje contam com a participação do Arapyauí na governança.

Trabalhar em rede exige das organizações o desenvolvimento de uma ciência, com método, processo e novos formatos de governança. O tema está na fronteira do conhecimento: há relativamente pouco conteúdo teórico e relatos empíricos. Por isso, é valiosa a experiência que o Arapyauí reuniu ao longo dos anos.

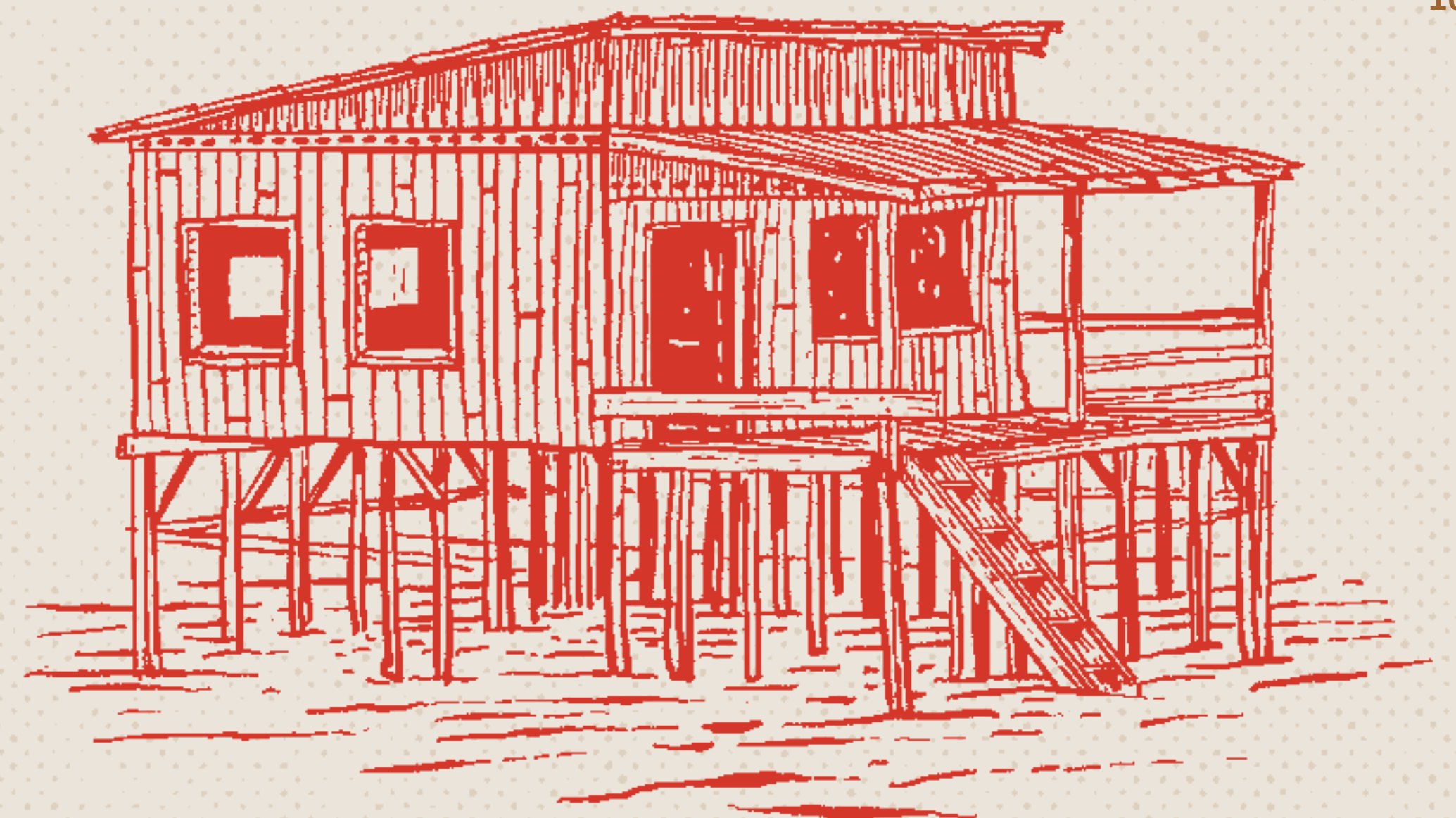
Com esforços concentrados em duas estratégias principais – fomento e incubação de redes e desenho e fortalecimento de iniciativas estruturantes – o Arapyauí conta com áreas transversais, como conhecimento, comunicação, incubação, cooperação internacional e mobilização de recursos para que esses eixos promovam transformações reais.

Outro aspecto crucial é o seu impacto na formulação de políticas públicas em diversas áreas, incluindo

educação, conservação ambiental, desenvolvimento territorial e mudanças climáticas. Por meio de parcerias, estudos e propostas concretas apresentadas a governos e instituições relevantes, o Arapyauí influenciou significativamente o curso de políticas voltadas para o desenvolvimento sustentável do país.

O conhecimento adquirido na construção de redes é um dos maiores legados dos 15 anos

do Arapyauí. Ao investir em redes de cooperação, equilibrar a atuação entre o nacional e o local e se dedicar a questões-chave como desenvolvimento justo, inclusivo, sustentável e bioeconomia, o Arapyauí pavimenta um caminho de mudanças efetivas.





RAPS ENCERRA SEU CICLO

Após 12 anos de significativas contribuições para o aperfeiçoamento do processo político brasileiro, em busca de um Brasil mais justo, com mais qualidade de vida para todos e capaz de respeitar seu capital natural, a Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (RAPS) anunciou o encerramento de seu projeto em 2024, após uma decisão amadurecida ao longo de 2023.

Emblemática na trajetória do Arapyauá, a RAPS foi a primeira iniciativa incubada pelo instituto e mostrou a importância da democracia para o desenvolvimento sustentável e o poder de transformação das iniciativas feitas em rede, o que abriu caminho para tantas outras redes que vieram depois.

Com uma perspectiva multipartidária, foi responsável por formar, qualificar e incentivar uma geração de políticos. Chegou a uma rede com mais de 600 lideranças em todo o país, alcançando 8% do Congresso Nacional e ajudando a colocar a sustentabilidade e a emergência climática na agenda governamental, além de colaborar com propostas que representaram

avanços ou impediram retrocessos em diversas áreas. Nos últimos três anos a RAPS recebeu, ainda, 12 prêmios - nacionais e estrangeiros - pelos esforços institucionais, da transparência à diversidade na política.

A despeito do sucesso de mais de uma década, a decisão de encerrar o ciclo foi fruto da convicção de que as organizações devem responder aos desafios de seu tempo. Desde a fundação da iniciativa, o mundo mudou e o Brasil também, o que demanda novas formas de atuação e o surgimento de novas instituições. A diretora-executiva da RAPS, Mônica Sodré, acredita que os próximos anos serão definidores sobre o papel a ser ocupado no mundo: do advento das leis antidesmatamento - que terão impacto no nosso comércio internacional - à segurança alimentar e ao aumento da demanda por minerais estratégicos para a transição energética, todos com impacto no Brasil. “Por esse motivo, a criação de uma organização focada em clima, capaz de atuar especificamente com tomadores de decisão e de novas maneiras, torna-se fundamental para o Brasil de hoje e do futuro”, diz.

NOSSA HISTÓRIA EM 2023



DE CONECTIVIDADE À BIOECONOMIA:

O trabalho do Arapyaú para promover desenvolvimento justo, inclusivo e sustentável na Amazônia e na Mata Atlântica

No começo de 2023, a eclosão da crise humanitária no território Yanomami revelou ao mundo um cenário de descaso com a saúde indígena. Vimos centenas de crianças e idosos sendo afetados pela desnutrição ou outras doenças tratáveis. Foi nesse contexto de emergência que a rede Conexão Povos da Floresta definiu as comunidades da TI Yanomami como algumas das primeiras a receberem antenas de internet banda larga, possibilitando assim a conectividade e o acesso a serviços essenciais de saúde. Logo no primeiro dia de instalação, a internet foi providencial na comunicação de uma agente de saúde comunitária com o hospital da cidade para o envio dos medicamentos necessários no voo do dia seguinte.



Os Yanomami estrearam um projeto piloto que, entre março e junho de 2023, levou internet de alta velocidade para 31 comunidades indígenas, quilombolas e extrativistas em vulnerabilidade climática, sanitária ou de difícil acesso devido a secas ou inundações. Desde então, o programa entrou em fase de escala, alcançando mais de 550 comunidades conectadas.

Com a meta de conectar 1 milhão de pessoas em mais de 5 mil comunidades até o final de 2025, o Conexão Povos da Floresta é a maior iniciativa de conectividade entre povos indígenas, quilombolas e extrativistas em curso no Brasil, e tem como foco formar uma rede com todas as populações tradicionais beneficiadas. "Sabemos que, além de abrir oportunidades para telemedicina, educação à distância, serviços financeiros e economia da floresta, a conexão é fundamental para a permanência dos povos nesses territórios e para ajudar a proteger os territórios de invasores - esses, sim, totalmente conectados", explica Renata Piazzon, diretora-geral do Arapyáú.

As áreas mais protegidas da Amazônia são aquelas onde residem os povos da floresta. São pessoas que conservam mais de 120 milhões de hectares nas áreas protegidas da Amazônia Legal. Segundo levantamento do MapBiomass, nos últimos 40 anos, menos de 1% do desmatamento aconteceu nestes territórios, e a maior parte ocorreu por invasões ou antes de essas terras serem reconhecidas.

Financiado por empresas como Santander, Itaú, Bradesco, Vale e Hydro e por instituições filantrópicas privadas nacionais e internacionais como Bollmer Group, Fundação Moore, Lemelson Foundation e o Associação Bem Te Vi, o projeto é liderado por três organizações de base: Coordenação Nacional de Articulação das



Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) e Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), em parceria com mais de 30 organizações da sociedade civil.

O Conexão Povos da Floresta traduz muito bem a principal vocação do Arapyáú: atuar em rede. Ao juntar múltiplos atores para o enfrentamento de problemas complexos, o Instituto acredita que pode promover impactos sistêmicos e estruturantes, e, embora atue na incubação e no fomento dessas iniciativas, o objetivo do Instituto é criar ambientes que as possibilitem caminhar com independência e autonomia. "Acabamos desenvolvendo uma espécie de tecnologia de construção de redes. E hoje elas ganham independência cada vez mais rápido", explica Renata.

O VOO DA CONCERTAÇÃO

Lançada e incubada pelo Arapyaú desde 2020, a rede Uma Concertação pela Amazônia começou a se preparar em 2023 para alçar voo e está em via de consolidar sua institucionalização. Com uma governança estabelecida e uma rede com mais de 700 lideranças de diferentes setores da sociedade, ganhou notoriedade ao ter 11 das 14 propostas para uma agenda de desenvolvimento integrado da Amazônia incorporadas no relatório final do Grupo de Trabalho de Meio Ambiente da equipe de transição, sendo cinco delas adotadas pelo novo governo já no ato da posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

As medidas foram incluídas no que ficou conhecido como “revogaço”, um conjunto de 52 decretos e quatro medidas provisórias assinadas pelo novo chefe do executivo para reverter os retrocessos na área ambiental dos quatro anos anteriores. Foi o maior número de atos editados nas primeiras 48 horas de um novo governo desde a redemocratização.

AS AMAZÔNIAS NAS ESCOLAS

Foi também dentro da Concertação que nasceu o projeto Itinerários Amazônicos, revelando a rede como um espaço poderoso para a articulação de projetos estruturantes. Realizado pelos Institutos Iungo e Reúna e pela Uma Concertação pela Amazônia, em parceria com o BNDES, Fundo de Sustentabilidade Hydro, Instituto Arapyaú, Movimento Bem Maior e patrocinado pela Vale, o programa quer povoar os currículos escolares de Amazônias (sim, no plural!).

A partir da formação continuada de professores e com unidades curriculares baseadas em temas amazônicos para o Ensino Médio, o material produzido para o projeto teve colaboração de jovens educadores, especialistas e redes de ensino do território. São mais de 2600 páginas de conteúdo em 15 unidades curriculares nas áreas de Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Linguagens, Matemática, Projetos de Vida e Educação Profissional e Técnica.

Implementado em abril de 2023, e adotado por 8 dos 9 Estados da Amazônia Legal, o projeto tem potencial de impactar mais de 3.300 escolas, 56 mil professores e mais de 1 milhão de estudantes. Ao longo de 2023, mais de 25 mil professores das redes de ensino da Amazônia Legal foram alcançados pela formação dos Itinerários Amazônicos. Só no Pará, foram quase 9 mil educadores impactados.

O uso do material e a formação de professores são customizados de acordo com as demandas de cada uma das oito secretarias de Educação parceiras do programa. Professora de Ciências Biológicas na rede estadual do Acre, Luiara dos Reis teve o primeiro contato com o material quando lecionava em uma escola em Capixaba, na fronteira com a Bolívia. A partir da formação no programa, trabalhou com os alunos sobre plantas medicinais e Projetos de Vida.

"Foi um trabalho de autoconhecimento usando as árvores e a relação dos indígenas com a natureza, o que trouxe muita identificação com os alunos. Mais que formar alunos com conteúdo, formamos cidadãos. E esse material trouxe uma forma de nos organizarmos, de olharmos para nossa comunidade com outros olhos, valorizando-a", conta Reis. "O projeto traz uma roupagem nova, diferente de tudo o que a gente sempre viu, porque é voltado para nossa realidade de vida, da Amazônia. É um trabalho que vem abrindo portas, mudando visões e mudando vidas."

MENOS PROJETOS, MAIS IMPACTO

O ano de 2023 foi decisivo para o Arapyaú entender que, diante do tamanho e da complexidade dos desafios atuais, é crucial sair do modelo de projetos isolados, que sempre norteou a filantropia no mundo inteiro, para se dedicar a ações estruturantes e mobilizadas por redes com o intuito de promover impacto sistêmico.

Foi essa estratégia que balizou o investimento no Itinerários Amazônicos e impulsionou outra frente ambiciosa na área de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), que consumiu boa parte dos esforços do time de conhecimento do instituto.

Batizada internamente de "Estratégia para fortalecer CT&I em bioeconomia na Amazônia", a iniciativa se propôs a investigar esse sistema no território, revisar as políticas públicas, sistematizar dados e, a partir desse diagnóstico, identificar frentes prioritárias de atuação e elaborar um conjunto de propostas para fazer essa agenda avançar.

Em parceria com a Agni desde o dia zero, o projeto partiu de uma escuta com mais de 70 pessoas, entre atores locais e especialistas em CT&I e bioeconomia de todo o Brasil, dos mais diversos setores: institutos de ciência e tecnologia e fundações de pesquisa, instituições acadêmicas, governos, empresas, bancos e organizações da sociedade civil.

“Acreditamos no potencial do uso sustentável dos ativos da biodiversidade para valorizar a floresta. E CT&I é uma ferramenta crucial para promover o desenvolvimento econômico e social da Amazônia por meio da bioeconomia. Por isso, estamos trabalhando em conjunto com diversos parceiros com o objetivo de fortalecer o sistema de Ciência, Tecnologia & Inovação da Amazônia”, afirma Pilar Barretto, diretora de Estratégia da Agni.

Na largada, o projeto também contou com um *sounding board*, uma espécie de grupo consultivo, estrategicamente montado para dar a escala que a iniciativa pede. Trata-se de um grupo que traz a mentalidade do setor privado, da filantropia e da ciência, com um olhar para a demanda por inovação.

Fazem parte do conselho Pedro Bueno (conselheiro do grupo Dasa), Guilherme Leal (cofundador da Natura e da Dengo), Cândido Bracher

(conselheiro do Itaú), Roberto Waack (presidente do conselho do Arapyaú e conselheiro de diversas empresas), Carolina Genin (CLUA), o cientista Carlos Nobre, Hugo Aguilaniu (Instituto Serrapilheira), Claudio Sasaki (cofundador da Geekie) e Pedro Wongtschowski (presidente do Conselho Superior de Inovação e Competitividade da Fiesp e conselheiro de diversas empresas e instituições, entre elas a Fapesp). Os dois últimos, juntamente com Roberto Waack, são os mentores do projeto.

"O Arapyaú embarcou nessa iniciativa porque ela tem um viés de bioeconomia, uma frente cada vez mais forte para nós. Sabemos que sem ciência, tecnologia e inovação não teremos bioeconomias robustas no Brasil", explica Livia Pagotto, gerente sênior de conhecimento do Instituto Arapyaú. "Esse é um esforço da filantropia para contribuir com uma economia muito alinhada com a natureza, que mantenha a floresta em pé. É uma junção muito feliz de dois temas que são muito importantes para o Instituto."

O Brasil é o país com maior potencial de liderar a economia baseada no capital natural, capaz de gerar bem-estar para sua população e de preservar e conservar seu patrimônio ambiental. Esse, no entanto, é um percurso longo. A Amazônia representa cerca de 60% do território brasileiro, 13% da população, 9% do PIB e apenas 3% do investimento total de CT&I, segundo estimativas.

Pagotto diz que a iniciativa não tem a pretensão de reinventar a roda, nem criar algo do zero. “Ponte é uma palavra-chave nessa história”, afirma. “Há um entendimento de que existem muitas iniciativas na Amazônia, mas embora boas, não estão coordenadas, o que dispersa os esforços e produz resultados menores do que poderia entregar.”

NOVA ESCALA PARA O CACAU

A partir desse desejo de mexer os ponteiros estruturais, especialmente no campo da bioeconomia, o Arapyaú começou a fazer movimentos mais ambiciosos para o cacau no ano passado, deixando de olhar apenas para o sul Bahia e passando a atuar também na influência e co-construção de políticas públicas para essa cadeia no Brasil, como o Plano Inova Cacau 2030, anunciado pelo governo federal no fim do ano passado.

O embrião dessa estratégia começou em 2020, quando foi lançado um projeto pioneiro de crédito rural sustentável no Brasil: o CRA Sustentável para cacau (Certificado de Recebíveis do Agronegócio). O CRA levantou recursos da ordem de R\$ 1 milhão, que beneficiou mais de 200 agricultores de pequenas propriedades no território e ajudou a elevar a renda média das famílias em 38%, com inadimplência perto de zero.

A experiência quebrou alguns paradigmas sobre o modelo de crédito para agricultores de pequenas propriedades, como inadimplência e produtividade, por exemplo, e serviu para prototipar uma alternativa voltada a esse perfil de produtor.

"Atualmente, cerca de 80% da produção de cacau no Brasil está nas mãos de pequenos agricultores. É um público que está à margem do sistema financeiro e dificilmente acessa as políticas públicas para a produção. Se quisermos que o cacau seja um produto relevante da nossa bioeconomia, é preciso olhar para esse agricultor", explica Ricardo Gomes, gerente de desenvolvimento territorial do Arapyaú.

O projeto do CRA foi o primeiro colocado geral em sua categoria na chamada pública do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para um novo modelo de financiamento dos projetos socioambientais do banco: o "BNDES Blended Finance".

Com essa aprovação, no ano passado o Arapyaú se dedicou a preparar o terreno para dar outra escala ao projeto, levando-o também a produtores do Pará. A organização de base comunitária Tabôa, que concebeu o programa junto ao instituto e outros parceiros, receberá do BNDES aporte de R\$ 4 milhões para financiar eventuais perdas e dar assistência técnica aos beneficiados na próxima rodada do crédito, prevista para 2024. O recurso do banco de fomento permitirá ao projeto alavancar mais de uma dezena de milhões de reais.

Para se ter uma ideia do que esse montante significa dentro da cadeia do cacau, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) destinou em 2023 cerca de R\$ 13 milhões para o custeio do cacau. "É o cultivo que aparece em 40º lugar no ranking do Pronaf", explica Vinícius Ahmar, gerente de estratégia para desenvolvimento sustentável do Arapyaú. "O cacau ainda não é prioridade. E o que a filantropia tem feito é demonstrar o potencial dessa cultura para a bioeconomia brasileira."

O Brasil é o sétimo maior produtor global de cacau. Com cerca de 200 mil toneladas produzidas anualmente em cerca de 600 mil hectares, a produção brasileira tem como meta atingir a quarta posição até 2030. "O Brasil tem todas as condições para restaurar áreas degradadas de pastagens com sistemas agroflorestais com cacau e aumentar sua participação no mercado internacional. O fato de ser produzido de forma inclusiva e sustentável nos coloca em uma posição de vantagem. Cerca de 80% da produção brasileira tem origem agroflorestal, o que gera benefícios ambientais, mitiga mudanças climáticas e conserva a biodiversidade", conclui Ahmar.

AMAZÔNIA



CACAU DO PARÁ

Com a aprovação no edital de *blended finance* no BNDES, em 2023 iniciamos as articulações para estender o crédito a cacauicultores do Pará.



CT&I E BIOECONOMIA

Arapyauá e Agni iniciaram uma frente para impulsionar a agenda de CT&I voltada à bioeconomia de base florestal na Amazônia.



CONECTIVIDADE

Mais de 550 comunidades indígenas, quilombolas e extrativistas em vulnerabilidade climática e sanitária foram atendidas pelo Conexão Povos da Floresta.



AS AMAZÔNIAS NAS ESCOLAS

Mais de 25 mil professores das redes de ensino da Amazônia Legal foram alcançados pela formação dos Itinerários Amazônicos.

TRABALHO EM REDE

O conhecimento sobre como construir redes é um dos maiores legados dos 15 anos do Instituto, comemorados em 2023.



NUNCA SOZINHOS

O Arapyauá atua como fio condutor, promovendo conexões em prol de uma agenda de desenvolvimento justo, inclusivo e de baixo carbono do país.

OLHAR GLOBAL

Mobilizar recursos internacionais para iniciativas estruturantes do Instituto tem sido caminho para promover transformações reais.



CACAU

O Arapyauá contribuiu com a construção do Plano Inova Cacau, lançado pelo governo federal em 2023.

CONTROLE DE QUALIDADE

7º produtor global de cacau, o Brasil quer chegar à 4ª posição até 2030. Mas, para além da quantidade, busca avançar em qualidade.



ACESSO A CRÉDITO

Editais do BNDES vão aportar R\$ 4 milhões para financiar perdas e assistência técnica a pequenos produtores no sul da Bahia e no Pará.



À SOMBRA DAS ÁRVORES

Cultivado em meio à Mata Atlântica com benefícios ambientais e sociais, o cacau cabruca marca um novo capítulo da história do sul da Bahia.



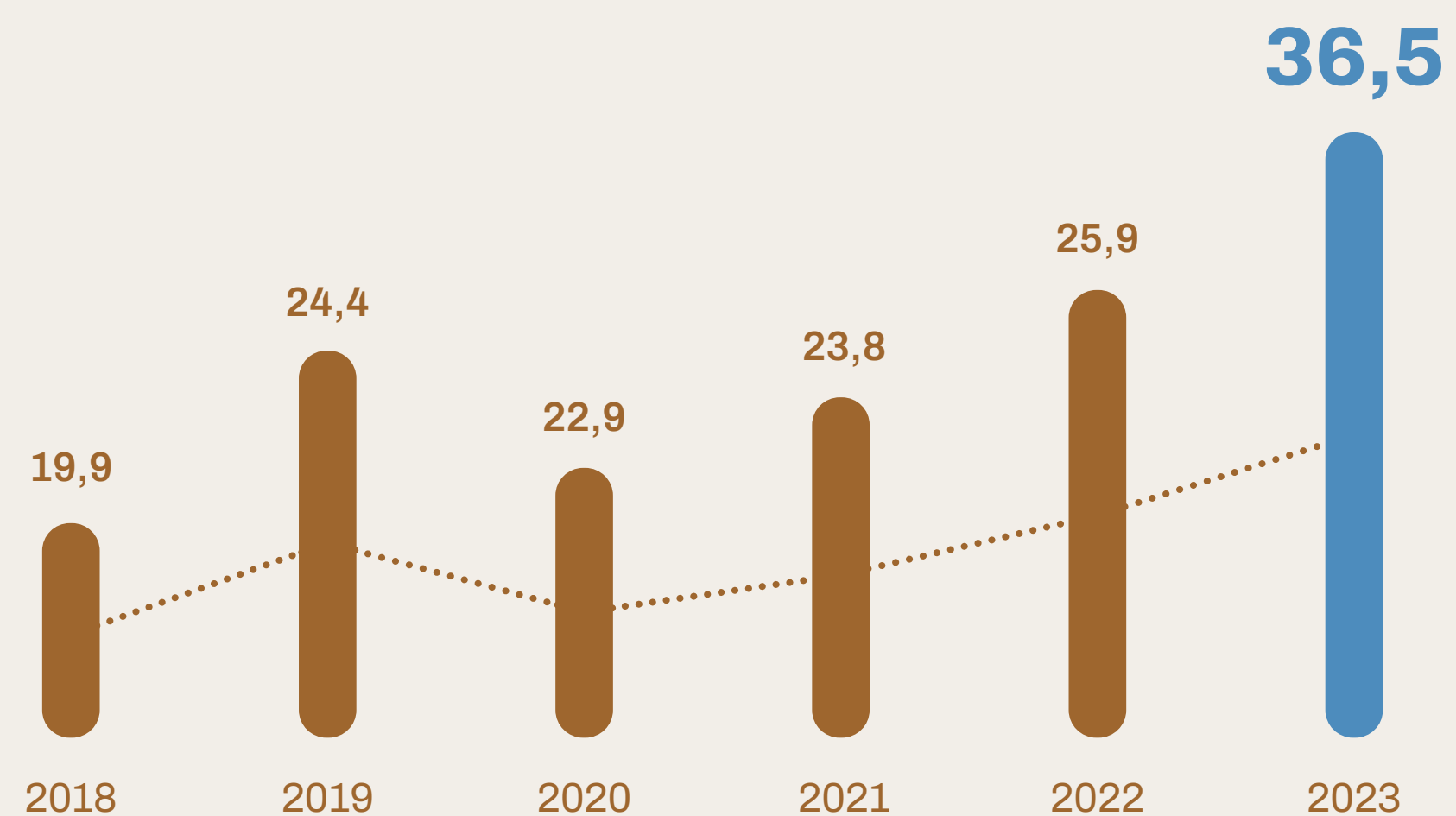
SUL DA BAHIA

BALANÇO FINANCEIRO

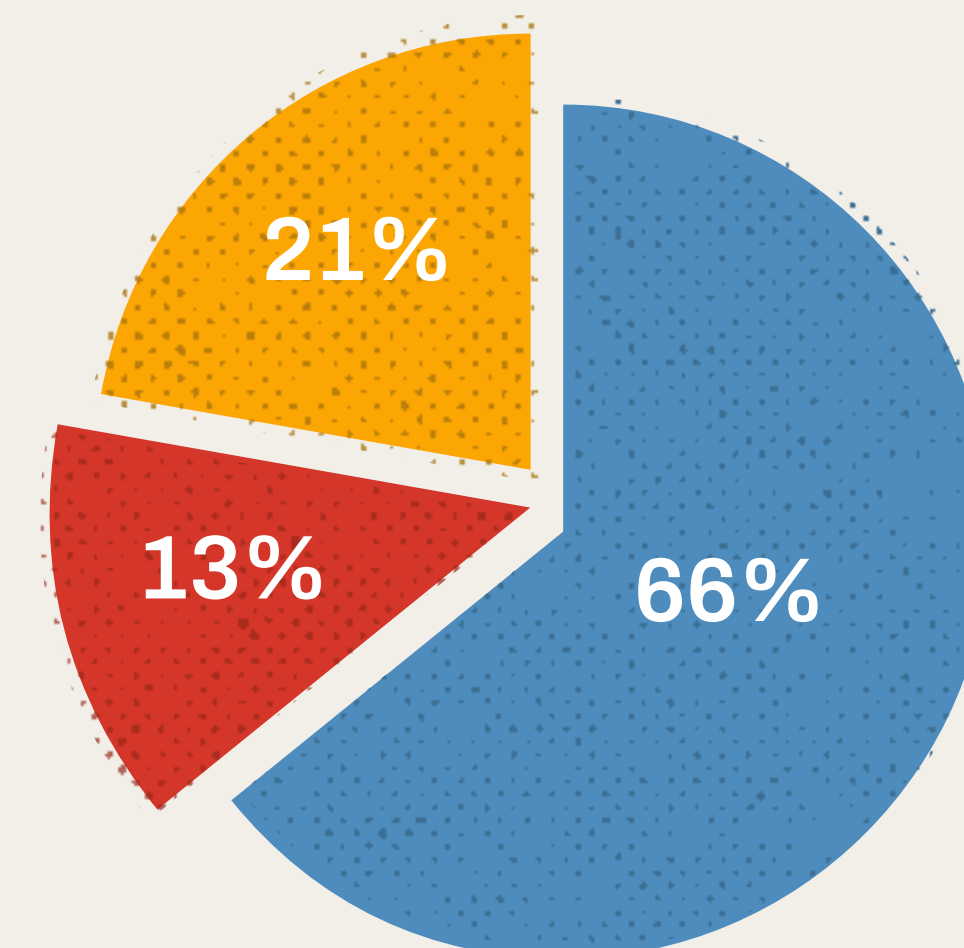
O orçamento do Arapyáú foi de R\$22,2M. Além disso, alavancamos recursos de outras organizações para nossas causas (FPC – Forest, People and Climate e Itaúsa), totalizando R\$ 36,5 mi sob gestão. Todo o orçamento é aplicado no Brasil e os dados são auditados pela Deloitte.



EVOLUÇÃO DO ORÇAMENTO ANUAL (EM R\$ MILHÕES)



DISTRIBUIÇÃO DOS RECURSOS EM PROJETOS



REDES

Projetos apoiados ou em incubação, que tem execução feita em redes.

INICIATIVAS

Projetos conectados às frentes estratégicas do Instituto Arapyau.

ÁREAS TRANSVERSAIS

Projetos liderados pelas áreas institucionais para apoiar a estratégia institucional.

CO-INVESTIMENTOS

As ações em rede do Arapyau movimentaram em 2023 investimentos de mais de R\$ 75M, em que para cada real investido pelo Arapyau, foram arrecadados outros R\$ 3,30 em co-investimentos.

EVOLUÇÃO DO INVESTIMENTO E CO-INVESTIMENTO DIRETO EM PROJETOS, EM RECURSOS FINANCEIROS (EM R\$ MIL)



EXPEDIENTE

RENATA PIAZZON

Direção-geral Instituto Arapyauú

BRUNO BRITO

Ilustrações

AGRADECIMENTOS

A toda a equipe do Instituto Arapyauú, conselho de governança, conselho fiscal, parceiros, redes e coinvestidores.

SABRINA FERNANDES

Coordenação geral do projeto

ANA LETÍCIA RODRIGUES

Diagramação

PECAN COMUNICAÇÃO

Texto

DANIEL FREITAS

LUIZ ATTÍE

Equipe de comunicação

ESTÚDIO ARADO

Projeto Gráfico

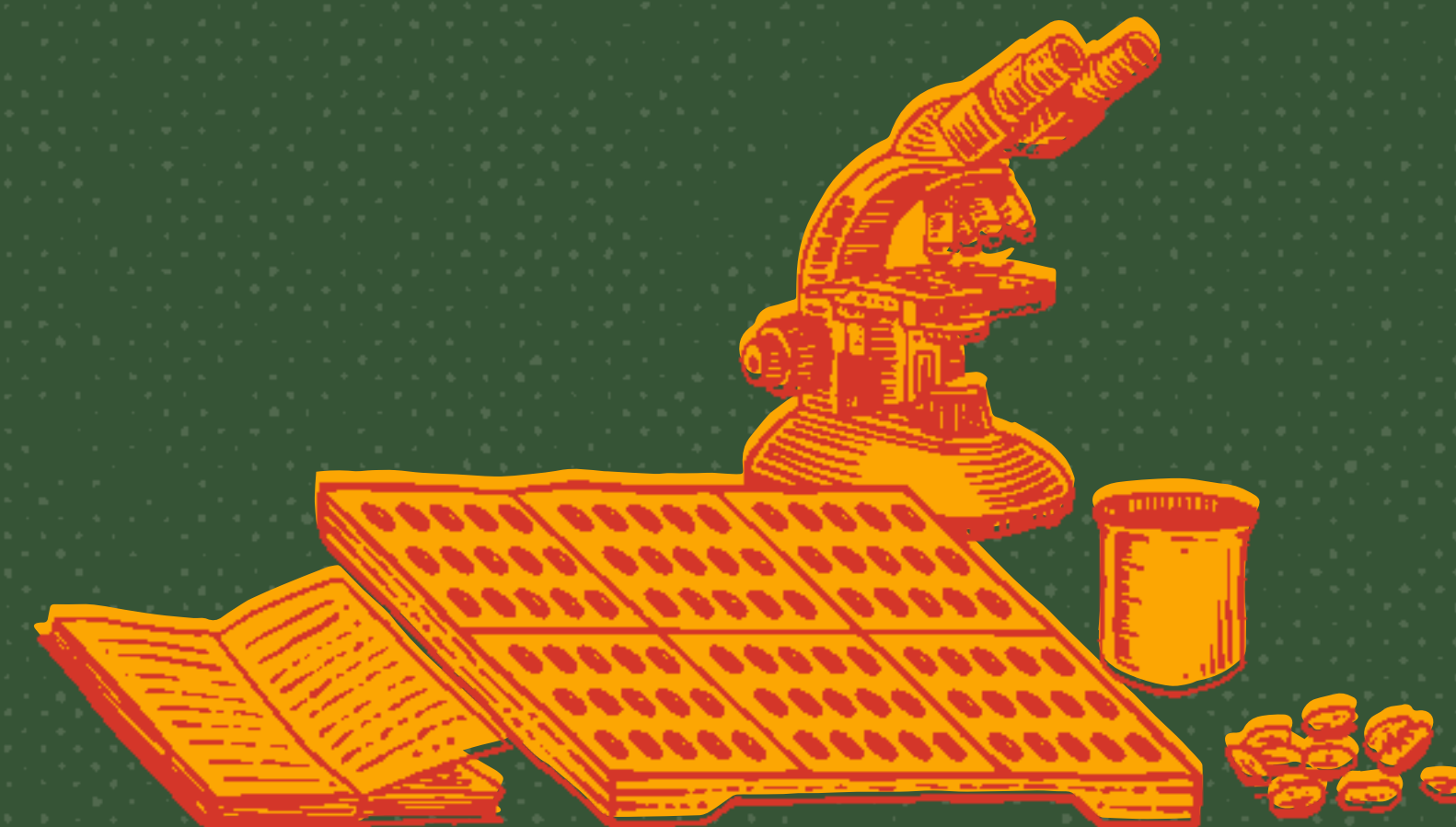
BIA PONTES

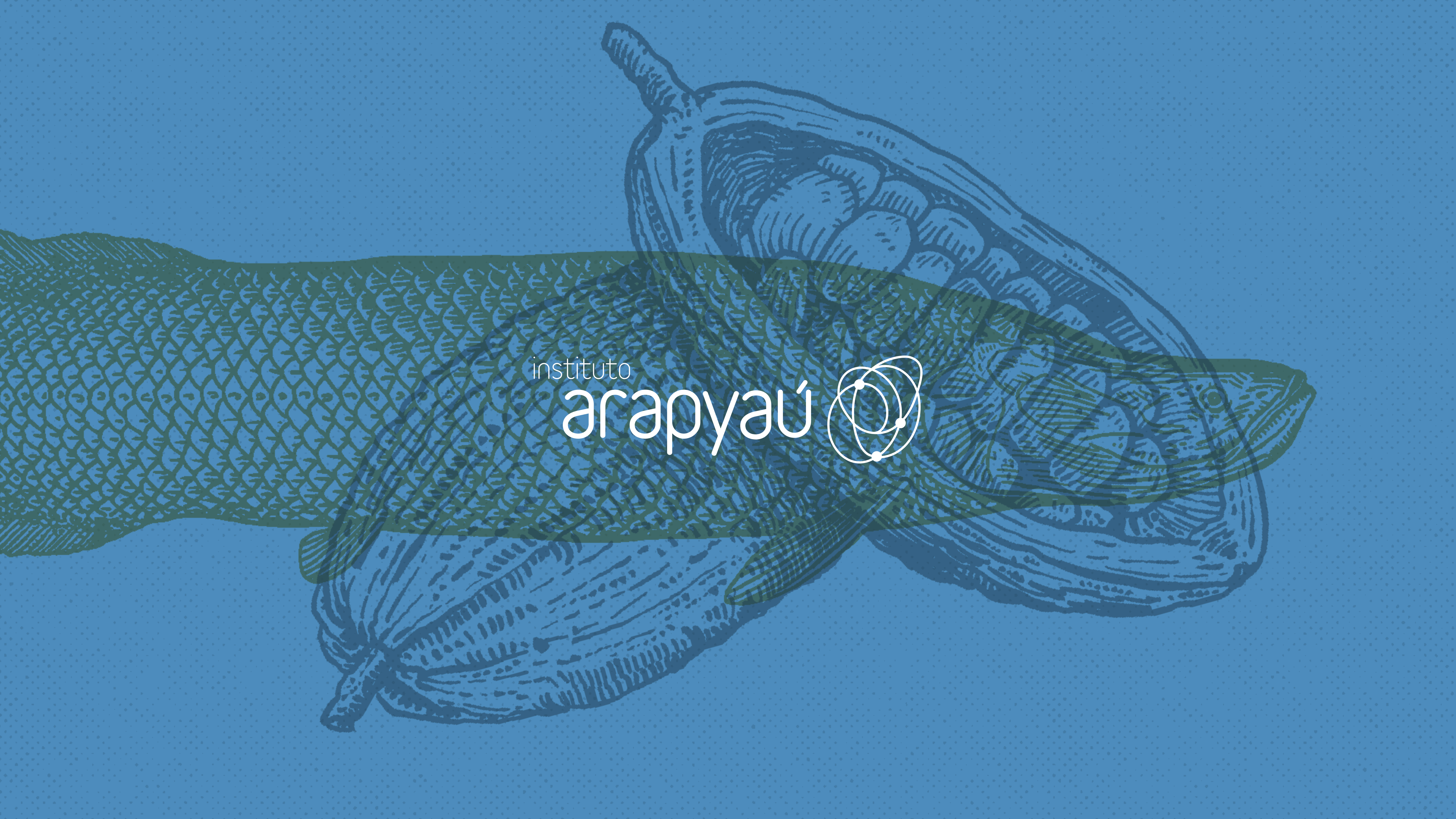
CAUÊ ITO

ACERVO ISA/COIAB PROJETO

CONEXÃO POVOS DA FLORESTA

Fotos





instituto

arapyau

